

**FUNDAÇÃO ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO**  
**ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO**

**Carlos Gabriel Venâncio de OLIVEIRA**  
**Oleno Petrere Correa JUNIOR**

## **Esaú e Jacó**

Trabalho Temático  
produzido para o Curso de  
Graduação em Sociologia e  
Política

**São Paulo, 2008**

*“Uma data histórica não se define por si mesma e, tampouco, de uma vez para sempre. São os seres humanos que criam as datas históricas, as definem e as redefinem ao longo do tempo, e trazem o passado para dentro do presente e de combates que se renovam sem cessar.”*

(Florestan Fernandes, 1989)

O seguinte trabalho em cima da obra de Machado de Assis; Esaú e Jacó visa à compreensão da passagem histórica das formas de governo e atribuições sociais entre os períodos do Império e sua transição para a República.

Tendo em vista as disciplinas até o momento estudadas, tentaremos elencar os conhecimentos adquiridos à interpretação desta obra, porém não tendo obtido até o momento fontes ou segmentos de estudos sobre a organização social, política e suas derivantes relevantes à compreensão do território nacional e sua contextualização, utilizaremos de obras secundárias que servirão de apoio às argumentações aqui construídas. Obras que eventualmente achamos necessários para situar o período de estudo, já que não estamos realizando um estudo sobre crítica literária ou dispêndios laboriosos de divagações do ostracismo humano utilizado pela filosofia, mas sim a compreensão da transição desse período no âmbito social.

Não formularemos a construção dessa análise de forma factual e cronológica, pelo contrário, por vezes trabalharemos com saltos entre os períodos apresentados pelo autor para uma melhor compreensão dos contextos atribuídos ao longo da obra de Machado de Assis, que como Antonio Candido descreve:

se analisarmos a sua carreira intelectual, verificaremos que foi admirado e apoiado desde cedo, e que aos cinquenta anos era considerado o maior escritor do país, objeto de referencia e admiração gerais, que nenhum outro romancista ou poeta brasileiro conheceu em vida (...)

(CANDIDO, 2004, p.16)

Para explicar a sociedade ali demonstrada em sua obra, diversos elementos são intercalados sem ornatos como religião; política; economia; cultura; tradições; e tantas outras características são constantemente apresentadas. E será através da análise desses elementos que entendemos e julgamos que esta interpretação deva ser construída, uma vez que “a sua

*atualidade vem do encanto quase intemporal do seu estilo e desse universo oculto que sugere os abismos prezados pela literatura do século XX” (idem, ibidem. p.18), pois as leituras dos textos devem ser realizadas a tal ponto que nos faça avançar no conhecimento adquirido para uma nova análise, que deve ser feita através de uma interpretação que nos integre aos fatores apresentados e não apenas à contra leitura para vermos como criticaremos a visão de determinado pensador<sup>1</sup>.*

Duas linhas de interpretação surgiram já nos primeiros anos: a dos vencedores e a dos vencidos, a dos republicanos e a dos monarquistas, aos quais vieram juntar-se com o tempo alguns republicanos que, desiludidos com a experiência, aumentaram o rol dos descontentes, exaltando as glórias do Império e ressaltando os vícios do regime republicano. (COSTA, 1999, p.387)

Repetidas críticas foram feitas ao governo durante o período imperial, porém mesmo com essa transição entre Império e República não se observa nenhuma mudança drástica nos costumes ou nas atribuições econômicas. O Rio de Janeiro apresentado por Machado de Assis em sua obra é bem diferente do que o conhecemos hoje, levando em conta que na segunda metade do século XIX até o início do século XX, gradativamente a modernização foi se instalando, mas sua referência na obra é bem sutil.

A palavra modernização foi muito utilizada pelas ciências sociais sobretudo a partir da década de 1950, para definir as transformações das sociedades consideradas tradicionais em outra terminologia, subdesenvolvidas – em direção ao modelo urbano-industrial. Apesar das críticas de muitos sociólogos à validade do conceito e não obstante a palavra sequer fosse usada com esse sentido no Brasil do século XIX, o termo é amplamente empregado pelos historiadores para indicar as tentativas de incorporar as inovações do capitalismo industrial europeu na época<sup>2</sup>(VAINFAS, 2002, p.537)

---

<sup>1</sup> O que tem se tornado corriqueiro na academia nos tempos atuais para a formalização de “novas teorias”, ou melhor, dizendo através de recortes epistemológicos e revisões de grandes obras, para a auto-afirmação do saber individual.

<sup>2</sup> Na verdade preferimos a terminologia observada no conjunto de verbetes elaborados por Bobbio, em que modernização é um conjunto de mudanças operadas nas esferas políticas, sociais econômicas sendo um processo aberto e contínuo em suas várias instituições.

Alguns meios de transportes são apresentados, como o *Coupé* descrito no término do capítulo II<sup>3</sup> que era uma elegante carruagem de 4 rodas e dois assentos toda fechada de tração animal, puxada normalmente por cavalos ou outro modelo descrito no capítulo V que era uma *Caleça* com suas características bem semelhantes ao carro anterior porém o era aberta na frente, “*própria para viagem*” com essas palavras que o autor nos descreve estes veículos, que aparecem modestamente no correr de seu romance. Mas não somente esses veículos são referidos como meios de locomoção, pois o trem de ferro, os navios ou barcos fazem parte também deste período, como o descreve de forma poética no capítulo CXIX.

Aspectos mostrado em sua obra como cultura ou conhecimento científico também são fornecidos, um dos exemplos que podemos aqui evidenciar é o teatro que ao longo do século XIX no Rio de Janeiro ganhou dimensões até então desconhecidas com vários gêneros como óperas; comédias; dramas; tragédias; operetas; romances; entre outras variações como pudemos observar nos capítulos LXXXIX; XCIII e outros.

Nas formas de conhecimento científico temos o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro que se propunha na formalização e estudo da identidade nacional e a construção dos museus que conforme demonstrado por SCHWARCZ (p.21) “*segundo Le Goff, os museus contemporâneos estariam ligados ao progresso da história escrita (...) sendo possível datar o séc. XIX como o da ‘explosão do espírito comemorativo’, como o momento de uma nova sedução da memória*” outro exemplo também apresentado de valor científico e de referencia a classe burguesa a que pertenciam é que cada um deles Pedro e Paulo, um em São Paulo outro no Rio de Janeiro iriam fazer as faculdades, sendo seus cursos considerado os primeiros de nível superior criado no Brasil.

Outra instituição que constantemente nos é apresentada nesse conto, é a religiosa, seja pela devoção de Natividade ou Custódia; seja pelos próprios nomes dos meninos Pedro e Paulo; pela simplicidade como Flora observava ou realizava seus pedidos a “*um cristo particular*”<sup>4</sup>, ou de elementos dispersos como o irmão das almas, as discussões ou ensinamentos espíritas apresentados por vezes no começo da obra entre outros.

Mas com relação a esse aspecto, gostaríamos de discutir duas características. Natividade e sua irmã Perpétua ao mensurarem que iriam consultar a certa cabocla que lia o futuro foram criticadas, porém Santos ao saber da resposta dada que seus filhos “*serão*

---

<sup>3</sup> Para uma maior facilidade na localização das discussões aqui apresentadas, não colocaremos às páginas desta obra literária, pois uma vez que várias publicações foram feitas e revistas desse conto, delimitamos mais usual a descrição pelos capítulos, já que não importando a edição; editora ou mesmo pelas publicações fornecidas na internet a localização tornar-se-á mais usual.

<sup>4</sup> Nome dado ao XCVII capítulo da obra

*grandes, oh! Grandes! Deus há de dar-lhes muitos benefícios. Eles não de subir (...) Quanto à qualidade da glória, coisas futuras!*” apresentado logo no primeiro capítulo, pretende discutir com seu mestre essa resposta pois como apresentado no capítulo X, “(...) *ele é meu chefe e mestre, tem uma visão clara e comprida, dada pelo céu*”.

As manifestações de origens negras eram bastante difundidas entre os bairros periféricos e de conhecimento público desde o período colonial, porém suas manifestações não poderiam acontecer de forma aberta ou direta sendo então marginalizadas no âmbito social. Mas no decorrer do século XIX outra doutrina começa adquirir uma grande propagação no Rio de Janeiro e devido ao grande status que conseguira no ano de 1873 adquire o reconhecimento oficial no Brasil, que em primeiro momento foi difundido principalmente nos meios políticos e científicos, assim a doutrina de Hyppolyte Léon Denizard Rivail ou mais difundido como Allan Kardec acompanhava o pensamento do período em que se passa esse romance de Machado de Assis que é meio turbulento, pois de maneira geral a Europa se encontrava em seu período de *Belle Époque* e o cientificismo era forte, para ajudar-nos a entender essas características optamos por usar uma citação de Renato Ortiz, mas acima de tudo não devemos nos esquecer que mesmo após a ratificação da república a separação da Igreja e do Estado ocorreu somente em 1890 e mesmo com esse espírito novo liberal, ainda era proibido manifestações espíritas por lei.<sup>5</sup>

Entre ciência e religião existe portanto complementaridade, possibilitando o espiritismo a exploração e explicação dos fenômenos para os quais as leis da matéria não se aplicam. A relação campo religioso e campo científico é dialética, e Kardec pensa que sem ciência o espiritismo não existiria, pois lhe faltaria apoio e controle. O método científico confere desta forma a cientificidade à religião separando-a nitidamente da magia e feitiçaria, onde também se dá a invocação dos espíritos. Como afirma enfaticamente Kardec: “a distancia que separa o espiritismo da magia e da feitiçaria é maior do que aquela que existe entra a astronomia e astrologia, a química e a alquimia”, Entre religião e superstição se insere, numa terminologia de Bachaelard, um corte epistemológico (ORTIZ, 1991, p.169)

---

<sup>5</sup> MECABÔ, Maria Filomena apresenta de forma muito bem elaborada essa discussão, podendo ser visto em [http://www.pucsp.br/rever/rv1\\_2001/t\\_jensen.htm](http://www.pucsp.br/rever/rv1_2001/t_jensen.htm)

Em *Esau e Jacó* encontramos vários elementos que nos dariam uma infinidade de ramificações para elaboração desse trabalho como já descrito anteriormente, algumas das possibilidades de estudos, por exemplo, que encontramos foi a discussão sobre o Baile da Ilha Fiscal encontrado no capítulo XLVIII intitulado *Tersícore*; a religiosidade na vida cotidiana da população daquela época; da escravidão à sua emancipação; o cientificismo do século XIX; a transformação das estruturas políticas; as nuances da economia na transição dos séculos XIX e XX, entre tantos outros temas poderiam ter sido muito melhor trabalhado em pesquisas muito mais amplas, se nos baseássemos em uma dessas únicas vertentes delimitando o nosso foco de trabalho, e não trabalhando de maneira ampla como aqui realizamos. Não nos faltou vontade em descrever a construção desse Rio de Janeiro apresentado na obra de Machado de Assis comparando-o com *Sobrados e Mucambos* de Gilberto Freyre ou nos textos apresentados deixados por João Paulo Alberto Coelho Barreto, mais conhecido como João do Rio; ou então discutirmos as variantes econômicas sutilmente apresentadas no decorrer desta literatura usando como apoio *Formação Econômica do Brasil*, obra de Celso Furtado; ou ainda utilizando o próprio nome da obra de Raymundo Faoro que também publicou *Machado De Assis: A Pirâmide E O Trapézio*, poderíamos discutir a questão da elite carioca ou melhor dizendo sobre *Os donos do Poder*. Várias seriam as possibilidades de estudos, mas, dispondo das palavras segundo a regra da síntese, construir *a priori* algo mais simplista aos olhos de quem por ventura venha a ler essa pesquisa foi nossa opção.

## Referências

ASSIS, Machado de. *Esau e Jacó*. São Paulo: Ática, 1993.

BOBBIO, Norberto. *Dicionário de Política*. 13ª Ed. Brasília: UnB, 2007.

CANDIDO, Antonio. *Vários Escritos*. 4ªed.. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, São Paulo: Duas Cidades, 2004.

COSTA, Emília Viotti da. *Da monarquia à república: momentos decisivos*. 6.ed. – São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

FERNANDES, Florestan. *Significado do protesto negro*. São Paulo: Cortez : Autores Associados, 1989.

ORTIZ, Renato. *A morte branca do feiticeiro negro: umbanda e sociedade brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

SCHWARCZ, Lilia K. M. *O nascimento dos museus Brasileiros 1870-1910* em MICELI, Sergio (org.) *História das ciências Sociais no Brasil Vol 1*. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais: IDESP, 1989.

VAINFAS, Ronaldo. *Dicionário do Brasil Imperial (1822 – 1889)*. Rio de Janeiro:Objetiva, 2002.